

Para técnico, orçamento é ficção. Para empresários, recessão.

O orçamento de 1992, que prevê corte de 25% nos gastos em relação ao deste ano, taxa nula de crescimento do PIB e da oferta de empregos, está recebendo críticas de setores técnicos e desagradando os empresários, que temem o prosseguimento da recessão.

“O orçamento para 1992 é uma peça de ficção”, afirma o economista Cláudio Roberto Contador, diretor da Coppead, centro vinculado à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) que prepara administradores de alto nível. “Se a inflação está fora de controle, a receita tributária será menor do que a prevista na proposta orçamentária.” Especializado em contas públicas, Contador discorda da forma pela qual o governo está apresentando o orçamento: “Por trás há ameaças de estagnação e, dessa forma, a proposta seria a melhor possível nas circuns-

tâncias. Além disso, o orçamento é incompleto, não sendo factível avaliar o mais importante, que são as contas estaduais e municipais.”

O presidente da Associação Brasileira das Indústrias de Base (Abdib), Aldo Narcisi, alerta que o apertado orçamento das estatais

— que aplicarão apenas US\$ 14,055 bilhões em 1992, 20% menos que este ano — poderá comprometer por mais alguns anos todo o sistema de infra-estrutura do País e colocar em risco a própria retomada do desenvolvimento.

Para o presidente da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas (Abimaq), Luiz Péricles, em poucos anos o setor de bens de capital sob encomenda poderá encerrar suas atividades no Brasil. “Se o governo não retomar os investimentos, ou não privatizar rapidamente esses serviços, o setor desaparece”, adverte.

01
SET
1991

JORNAL DA TARDE